

resenha bibliográfica/book review

Maurício C. Coutinho

UNICAMP

CLARK, Gregory. *A Farewell to Alms — a brief economic history of the world*. Princeton: Princeton University Press, 2007, 420 pp.

A *Farewell to Alms*, de Gregory Clark, é uma obra para causar impacto. Sintética, provocativa, polêmica, uma "breve história econômica do mundo", como informa o subtítulo, capaz de despertar interesse — ou raiva — em legiões de economistas, historiadores e demógrafos. O autor, um especialista em história quantitativa, trafega com tranquilidade no instrumental básico da teoria econômica, da modelagem estatística e da demografia.

A tese principal é bem simples. A humanidade teria estado presa, desde a idade das cavernas até 1800, à "armadilha malthusiana". A vida material pouquíssimo evoluiu nesse imenso período. Apenas a revolução industrial permitiu um substancial aumento das condições de vida da população. Simultaneamente, a revolução industrial deu margem à "grande divergência", ou ao desenvolvimento de uma diferença abissal no padrão de vida entre as nações, inimaginável nos séculos anteriores.

Expor as características e os mecanismos econômicos básicos do "período malthusiano", as raízes da revolução industrial (e a razão de ela ter ocorrido na Inglaterra) e, afinal, os motivos do distanciamento entre as nações nos séculos XIX e XX, é o propósito das três partes do livro.

Julgo — acredito que também o autor — que a parte mais importante é a primeira, que examina a "armadilha malthusiana". Não apenas por

estar mais bem documentada e bem fundamentada, tanto do ponto de vista demográfico e de dados biométricos quanto da modelagem econômica; mas também por ser fundamental ao entendimento da revolução industrial e da diferenciação dos níveis de renda ocorridas após.

O mecanismo básico da "armadilha malthusiana" é simples. Em sociedades coletoras, pastoris, agrícolas, o padrão de vida do grosso da população é determinado pela disponibilidade de bens agrícolas, em face do tamanho da população. Dada a dotação de recursos naturais, fatores como taxa de natalidade, taxa de mortalidade e progresso técnico explicam a renda de subsistência (medida em meios de vida). Na medida em que o progresso técnico evoluiu a taxas modestas, a renda média teria sido ajustada a longo prazo pelo crescimento populacional. O "equilíbrio malthusiano", portanto, é um equilíbrio de renda média, ou melhor, um equilíbrio que ajusta as taxas de natalidade às de mortalidade, proporcionando um balanço populacional em torno da renda de subsistência, que nada mais é, por definição, do que a renda em bens, em que a taxa de natalidade iguala a de mortalidade.

O leitor de Malthus poderá sentir-se desconfortável com o uso da expressão "equilíbrio malthusiano" por Clark. Apesar de o autor reportar-se freqüentemente a Malthus, o "equilíbrio malthusiano" de seu modelo é o de renda média, enquanto o do *Ensaio sobre o Princípio da População* é imediatamente populacional (embora com incidência indireta sobre a renda de subsistência). Lembremos que a máxima de que a população cresce a taxas geométricas, enquanto os meios de vida crescem a taxas aritméticas, restringe em termos absolutos o tamanho da população; vale dizer, o modelo malthusiano original abre pouco ou nenhum espaço para o crescimento da produtividade. Já o modelo de Clark é mais completo: admite aumentos de produtividade e, principalmente, dá atenção à possibilidade de existência de recursos naturais inexplorados. Não restringe o crescimento populacional nem as diferenças de densidade demográfica entre os países; apenas, e de modo coerente, faz com que as taxas de natalidade e de mortalidade (e a expectativa de vida) ajustem a renda de subsistência no longo prazo.

Uma das riquezas de *Farewell to Alms* é justamente a profusão de dados sobre renda, população, expectativa de vida, exibidos. A Inglaterra é o território preferencial das ilustrações, dada a boa disponibilidade de informações desde os anos 1200. De todo modo, evidências dispersas,

colhidas em diversas regiões e épocas, são criativamente cotejadas. Tanto quanto se pode exigir, a tese da "armadilha malthusiana" encontra-se coerentemente formulada e ilustrada, resguardados o significado do "equilíbrio malthusiano" e o fato de o modelo referir-se a ajustamentos seculares.

Um leitor versado em história do pensamento econômico poderia ver nessa forçada identificação com Malthus uma ironia, já que é sabido que a teoria econômica de Malthus estava muito mais preocupada com os processos de ajustamento (o curto prazo) do que com o equilíbrio de longo prazo, típico da análise ricardiana. O mesmo leitor tem todo o direito de ficar irritado com a interpretação que Clark dá a Adam Smith e à economia política pós-smithiana. Em *Farewell to Alms*, Smith é apresentado como um antecessor dos institucionalistas, alguém que compartilha a visão de que o homem é movido em todas as épocas pelos mesmos incentivos, bastando, portanto, a moldura institucional correta — a livre concorrência, o combate aos monopólios, o ataque à elevada tributação — para que o progresso ocorra. Ora, se este não é o Smith da *Riqueza das Nações* ou da *Teoria dos Sentimentos Morais*, bastaria uma leitura ligeira dos ensaios econômicos de Hume, mestre de Smith, para mostrar que o "homem" de Hume, ou de Smith, é o oposto daquele caricaturado por Clark.

Na verdade, ao situar Smith como um precursor dos institucionalistas, Clark coleciona munição para atacar as teses institucionalistas sobre a revolução industrial e sobre a economia em geral. A explicação de Douglass North para a revolução industrial, assim como as opiniões de Gary Becker sobre a "transição demográfica", são pulverizadas pela artilharia de dados e hipóteses de *Farewell to Alms*. North e Becker não conhecem nada de história, chega a dizer Clark — e tem razão!

A crítica ao institucionalismo, aliás, dá o mote à apresentação da tese sobre a revolução industrial. Conforme Clark, a revolução industrial não se deveu a uma "ruptura externa", institucional ou de qualquer outra natureza. Originou-se de um acúmulo de transformações que ocorreram sob a superfície aparentemente imutável do "período malthusiano". Quatro destas transformações merecem destaque: a queda da taxa de juros, o aumento do grau de alfabetização e da habilidade numérica da população, o aumento das horas trabalhadas por homem e a queda da violência interpessoal. As ilustrações a respeito

de cada uma das transformações são esclarecedoras, e o fato de elas poderem ser observadas na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII ajuda a explicar a eclosão da revolução industrial nesse país.

Na verdade, a primazia inglesa deve-se também, conforme Clark, à ocorrência de uma espécie de transbordamento para baixo das elites aristocráticas e burguesas. Na medida em que, no pré-1800, o número de descendentes vivos dos ricos era maior do que o dos pobres, teria ocorrido na Inglaterra uma pulverização da riqueza e, principalmente, uma difusão de valores de classe média por vários setores da sociedade. O autor vai mais longe: "As principais vantagens que os pais estavam transmitindo a seus filhos eram então ou culturais (os filhos aprendiam como ser bem sucedidos economicamente) ou mesmo genéticas (os filhos compartilhavam com seus pais características inatas que os tornavam economicamente bem sucedidos)". Como se vê, o darwinismo de Clark chega ao extremo de sustentar que existiu uma seleção natural de genes orientados para o sucesso econômico.

À parte a controvertida idéia de seleção de genes economicamente orientados, a argumentação sobre a primazia da Inglaterra tem um ponto fraco na comparação com outros países. Por que a revolução industrial não se deu na costa da China ou no Japão, regiões, em tese, preparadas para o salto da industrialização, especula Clark? Entendo que nesse ponto os argumentos são menos convincentes, o que talvez se deva à menor fluência do autor na história do Oriente e/ou à menor disponibilidade de dados sobre as economias orientais.

Já a explicação da "grande divergência", desenvolvida na terceira parte, assenta-se em um modelo básico de crescimento que credita aos diferenciais de produtividade, e não à disponibilidade de terra ou de capital, as distâncias assustadoras de renda *per capita* entre os países, surgidas nos séculos XIX e XX. Se o modelo é genérico e satisfatório, as ilustrações, apesar de sugestivas, resultam parciais. Isso porque se baseiam em especial em dois setores de atividade, a indústria têxtil e as ferrovias. Em resumo, Clark mostra que, com equipamentos idênticos, a produtividade do trabalho têxtil e do ferroviário nos países pobres é muito inferior à dos países desenvolvidos. Ilustração sugestiva, vale enfatizar, porém, insuficiente. O que ocorre em outros setores? Como se organizam as economias nacionais? Acredito que, mesmo sem nos deixarmos seduzir pelas mezinhas institucionalistas que os economistas dos orga-

nismos internacionais aplicam *urbi et orbi*, é conveniente construir um quadro mais rico e dotado de ilustrações mais completas, seja para a explicação da "grande divergência", seja para o entendimento das radicais transformações hoje presenciadas em alguns países atrasados.

As dúvidas, as eventuais discordâncias e divergências de perspectiva não devem elidir o fundamental: em matéria de abordagem de longo prazo, de visão telescópica das transformações econômicas, de aplicação de análise econômica e de economia quantitativa à história mundial, *A Farewell to Alms* é uma obra exemplar. Suscitará dúzias de controvérsias, nas décadas à frente.

E acrescento, a título de conclusão, duas observações — uma negativa, outra positiva. Por estar motivado pelo mal-estar com o institucionalismo, Clark alarga sua crítica das hipóteses de North sobre a revolução industrial ao cardápio dos organismos multilaterais para o desenvolvimento de qualquer país, nos dias que correm. Mal-estar justificado, mas é óbvio que modelos de longo prazo, como o de Clark, não são os instrumentos mais adequados à análise de prescrições econômicas pontuais.

A observação positiva — e tentativa, admito — encosta no campo da metodologia. Entendo que a explicação econômica de Clark, de inspiração neoclássica, prescinde do recurso às hipóteses de racionalidade instrumental, inclusive e principalmente o individualismo metodológico. Trata-se de um modelo metodologicamente eclético, ou aberto a diversas racionalidades (e até mesmo a hipóteses baseadas em normas e instituições). Este é um mérito inequívoco, mas a análise de suas implicações transcenderia os limites de uma resenha.